

Um capítulo germânico pouco conhecido da arqueologia amazônica: a formação e a dispersão das coleções arqueológicas reunidas por Protásio Friel no Baixo Amazonas (1939-1957)

A little known Germanic chapter of Amazonian archaeology: the
formation and dispersion of archaeological collections gathered
by Protásio Friel in the Lower Amazon (1939-1957)

Marcony Lopes Alves^I  | Igor Morais Mariano Rodrigues^{II} 

^IUniversidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil

^{II}Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI. Belém, Pará, Brasil

Resumo: As coleções herdadas pelos museus reunidas a partir das primeiras pesquisas arqueológicas na Amazônia representam uma fonte fundamental para o estudo do passado pré-colonial e para a história da ciência na região. Este artigo mapeia os itinerários de formação e dispersão das coleções arqueológicas reunidas por Günther Protásio Friel (1912-1974), tendo como foco o início de sua carreira como missionário e pesquisador na mesorregião paraense do Baixo Amazonas entre 1939 e 1957. Em meio às suas atividades religiosas, Friel prospectou sítios arqueológicos, coletou e descreveu artefatos e sintetizou informações. O levantamento de arquivos e de coleções arqueológicas em quatro museus brasileiros e em um museu dos Estados Unidos da América demonstra que as coletas conduzidas pelo franciscano seguiram um método de pesquisa anterior ao seu ingresso no Museu Paraense Emílio Goeldi e à própria profissionalização definitiva da arqueologia no país. Suas pesquisas se basearam em premissas da tradição antropológica de língua alemã. Sem publicar seus resultados, os materiais reunidos por ele e seus manuscritos foram distribuídos seguindo redes científicas e eclesásticas germânicas. Este artigo recontextualiza as coleções reunidas por Friel, mapeando os múltiplos itinerários das coleções arqueológicas reunidas por ele e as consequências desse processo.

Palavras-chave: Protásio Friel. História da arqueologia. Etnologia alemã. Coleções herdadas. Itinerário de objetos.

Abstract: Legacy collections from early archaeological research conducted in Amazonia are fundamental sources for the historiography of science and for the study of the region's pre-colonial past. This paper maps the processes of formation and dispersion of archaeological assemblages gathered by Günther Protásio Friel (1912-1974) in the Lower Amazon region (Pará state, Brazil), focusing on the period of his early career as Catholic missionary and self-taught researcher. Amid his religious duties, Friel conducted archaeological surveys, collected and described artifacts and wrote notes and essays on his findings. The assessment of archives and archaeological collections, in four Brazilian museums and one museum in the United States of America, reveals a research approach that precedes his professional position at the *Museu Paraense Emílio Goeldi* and the consolidation of archaeology as a scientific field in Brazil. Friel's assumptions were derived from the German-speaking anthropological tradition. Without publishing his results, the materials he gathered, and his manuscripts were distributed, mainly following German scientific and ecclesiastical networks. This paper recontextualizes Friel's early collections mapping their trajectories and demonstrating how they lost contextual information throughout this process.

Keywords: Protásio Friel. History of archaeology. German ethnology. Legacy collections. Object itineraries.

Alves, M. L., & Rodrigues, I. M. M. (2026). Um capítulo germânico pouco conhecido da arqueologia amazônica: a formação e a dispersão das coleções arqueológicas reunidas por Protásio Friel no Baixo Amazonas (1939-1957). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 21(1), e20250001. doi: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2025-0001.

Autor para correspondência: Marcony Lopes Alves. Universidade de São Paulo. Av. Prof. Almeida Prado, 1466, Butantã. São Paulo, SP, Brasil. CEP 05508-075 (marconyalves@usp.br, alvesmarcony2015@gmail.com).

Recebido em 04/01/2025

Aprovado em 17/07/2025

Responsabilidade editorial: Cristiana Barreto



INTRODUÇÃO

O estudo de coleções descontextualizadas ou com baixo grau de informação de proveniência é um grande desafio para a arqueologia. Em uma perspectiva arqueológica, um fragmento cerâmico ou uma lâmina de machado de pedra importa porque faz parte de um conjunto de associações espaciais e temporais que permitem vinculá-lo a práticas sociais do passado. Entretanto, acumulam-se nas reservas técnicas de instituições de guarda centenas ou milhares de artefatos, conservados, por vezes, há mais de um século, sem nunca terem sido descritos, nem suas informações publicadas. Em muitos casos, quando existem informações contextuais sobre essas peças, elas estão dispersas em cadernos de campo, cartas e textos dissociados do acervo em arquivos institucionais ou particulares. Existe uma necessidade ética de produzir conhecimento a partir dos acervos desses recursos não renováveis mantidos com recursos humanos e financeiros (Voss, 2012; Pereira, 2023). Ao mesmo tempo, essas coleções são fonte fundamental para os debates arqueológicos e para a construção de uma historiografia da arqueologia materialmente situada (Delley & Schlanger, 2022). Na Amazônia brasileira, diversos estudos têm sido realizados valendo-se parcial ou totalmente de coleções herdadas (por exemplo, Martins, 2013; Garcia, 2017; Nobre, 2017; H. Lima & Cunha, 2017; Simas et al., 2019; Alves, 2019; Moraes Wichers, 2019; Jácome et al., 2023). No intuito de contribuir com a recontextualização desses materiais, é desenvolvido um mapeamento itinerário das coleções arqueológicas reunidas por Günther Protásio Friel na mesorregião paraense do Baixo Amazonas entre 1939 e 1957.

Dispersos entre diferentes instituições, os artefatos coletados por Friel mostram como a sua biografia se entrelaça com a de objetos, de unidades arqueológicas, de tradições acadêmicas e de políticas científicas e eclesásticas. De origem alemã, Protásio Friel foi, durante boa parte de sua vida, um missionário franciscano que, atuando junto aos povos indígenas, realizou pesquisas etnográficas

na Guiana brasileira e na bacia dos rios Tapajós e Xingu. Ele formou muitas coleções arqueológicas, mas pouco publicou sobre o que ele mesmo reuniu. Se Friel é um dos antropólogos alemães menos conhecidos do século XX (Hoffmann, 2017), sua relevância para a arqueologia é ainda mais desconhecida (Martins, 2013).

A análise de objetos e documentos, desenvolvida no presente artigo, é baseada na noção de “itinerários artefatuais” (Joyce & Gillespie, 2015). A metáfora de itinerários foi desenvolvida em continuidade com a de “biografia cultural das coisas”, que se baseia na premissa de que as coisas têm histórias que podem ser abordadas de maneira similar à das vidas humanas, especialmente a partir de suas movimentações (Kopytoff, 1986). Joyce e Gillespie (2015) argumentam que a expressão adotada por Kopytoff (1986) presume uma sequência de vida, como ‘nascimento’ e ‘morte’, que não se observa com muitos objetos materiais. Os objetos podem passar por longos períodos em inatividade, ou uso e reuso persistentes, sem fronteiras temporais definidas. A noção de itinerário permite, assim, ressaltar a circulação dos objetos sem assumir sua movimentação constante, além de incluir as representações, e não apenas a viagem física de uma coisa. No caso do estudo do itinerário de coleções de museu e dos artefatos que as compõem, é necessário investigá-las como o produto de uma cadeia de ações, envolvendo a coleta, o transporte, a limpeza e a documentação em meio a redes científicas de coletores e instituições (Parezo, 1987; Holtorf, 2002; Moraes Wichers, 2010). Em uma perspectiva mais ampla, o que buscamos compreender é como as coleções participam do “sistema circulatório dos fatos científicos” (Latour, 2001).

Neste artigo, são traçados os itinerários das primeiras coleções arqueológicas reunidas por Friel, por meio da consulta a acervos de quatro instituições brasileiras e de uma nos Estados Unidos da América, com um conjunto variado de fontes escritas (cartas e mapas) e iconográficas (desenhos e fotografias) inéditas, bem como artigos e

crônicas publicadas na revista franciscana Santo Antônio¹. Seguindo métodos comuns à arqueologia, as fontes escritas são utilizadas em combinação ao estudo de marcações feitas sobre as peças arqueológicas e as características estilísticas dos objetos pré-coloniais para compreender os itinerários das coleções reunidas por Frikel.

PROTÁSIO FRIKEL: MISSIONÁRIO E PESQUISADOR AUTODIDATA

Günter Frikel nasceu em Breslau, em 1912, à época, parte do Império Alemão. Ao ingressar na Ordem dos Frades Menores, ou Ordem Franciscana, recebeu o nome Protásio. Na década de 1920, Frikel estudou nas escolas primárias e secundárias em Breslau e cursou o ginásio no colégio franciscano de Bardel, sendo um dos primeiros egressos desse colégio a ser enviado ao Brasil (Becher, 1975; Hoffmann, 2017). No âmbito da restauração da província franciscana de Santo Antônio no Brasil, iniciada no final do século XIX (Teves, 1942), o colégio de Bardel foi criado no início da década de 1920 para vocações de missionários exclusivas ao Brasil (Schmitz, 2005; Melo, 2016). Ao visitar esse colégio em 1956, Freyre (1957a) observou ser ali um centro de estudos brasileiros, em que se ensinava o português, além de possuir um valioso acervo etnográfico.

Ao chegar ao Brasil, em 1931, Frikel continuou sua formação religiosa em Recife e em Salvador até 1937. Sua educação teve uma base humanista ampla, que incluiu teologia, filosofia, sociologia, psicologia e história. Contudo, mesmo com essa instrução, anos depois, Frikel admitiu a Herbert Baldus, antropólogo e diretor do Museu Paulista até então, que “no campo da etnologia sou um autodidata, sem a formação adequada” (Frikel, 1953b). No mesmo sentido, em relação à arqueologia, o franciscano afirmou a Peter Hilbert que “sou praticamente um leigo” (Frikel, 1953a) no estudo da pasta de cerâmicas

arqueológicas. Como ressaltou Hoffmann (2014/2015), Frikel estava consciente dos seus limites técnicos e analíticos, conduzindo levantamentos preliminares a serem expandidos em pesquisas posteriores.

Em 1938, Frikel foi transferido do Nordeste para a Prelazia de Santarém, no estado do Pará. Não foram identificadas informações sobre as causas de sua transferência. Martins (2013) aventa a hipótese, sem informações diretas, de que Frikel pode ter sido enviado para o Baixo Amazonas devido à tensão política e ideológica em torno de migrantes alemães na Bahia, com a iminência da Segunda Guerra Mundial e o início do Estado Novo.

A trajetória intelectual de Protásio Frikel pode ser dividida em três momentos, segundo Martins (2013). O primeiro equivale à sua chegada ao Baixo Amazonas e estabelecimento dos primeiros contatos com a realidade amazônica, conduzindo pesquisas etnográficas com populações ribeirinhas e estudos arqueológicos em sítios localizados na várzea. O segundo momento representa a sua atuação com indígenas do alto curso do rio Trombetas, a partir de 1944. O último momento de sua trajetória se relaciona ao ingresso do franciscano no quadro de pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em 1957. Sua institucionalização significou a realização de novos trabalhos de campo, associado a outros pesquisadores da instituição, reunindo coleções etnográficas e arqueológicas em distintos territórios indígenas. A ampliação de seus contatos científicos se deu a partir da década de 1950, quando também começou a publicar em revistas científicas brasileiras e europeias (Hoffmann, 2017).

O interesse de Frikel por antropologia começou desde sua formação como sacerdote, no início da década de 1930, quando lia trabalhos a respeito (Becher, 1975). Suas primeiras publicações na revista Santo Antônio versaram sobre as narrativas ribeirinhas sobre os “encantados” (Frikel, 1940) e a noção de alma no

¹ A revista Santo Antônio, de circulação restrita às casas franciscanas, destinava-se a intercambiar informações dentro da província de Santo Antônio, tendo sido publicada inicialmente em Salvador, Bahia, e depois em Recife, Pernambuco. As revistas foram consultadas no Convento de Ipuarana, situado em Lagoa Seca, Paraíba.

candomblé, na Bahia (Friel, 1941), representando sua abertura para a antropologia (Galvão, 1978). Em parceria com o frei alemão Thomas Kockmeyer, ele conduziu sua primeira pesquisa etnográfica entre praticantes de candomblé em Salvador, entre 1933 e 1937 (Friel, 1964). Sua relação com os povos indígenas se iniciou depois dos contatos com os vestígios arqueológicos do Baixo Amazonas (Friel, 1943). A pesquisa científica, apesar de fazer parte da Ordem Franciscana como um todo, era uma atividade paralela e estava a serviço da vida religiosa.

MOBILIDADE MISSIONÁRIA E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (1938-1957)

Há poucas informações sobre o período entre a chegada de Friel ao Brasil e sua transferência para a Prelazia de Santarém. Se a trajetória intelectual de Friel pode ser pensada em três fases que sintetizam a transição de missionário para etnólogo e arqueólogo (Martins, 2013), as duas primeiras ocorreram durante o período de

dezenove anos em que atuou no aixo Amazonas. Protásio se envolveu cada vez mais com as comunidades indígenas em meados da década de 1940, e a partir de 1957 passou a integrar o quadro de pesquisadores do MPEG. Contudo, somente após 1963, quando se naturalizou brasileiro e deixou a Ordem Franciscana, ele se dedicou integralmente às pesquisas etnológicas e arqueológicas.

Por meio das informações contidas em diversas crônicas publicadas na revista Santo Antônio, conseguimos traçar os itinerários institucionais de Friel (Figura 1), que foi destinado a atuar em diferentes paróquias ao longo do tempo no Baixo Amazonas. Esses deslocamentos possibilitam compreender melhor as oportunidades de pesquisa que ele teve ao longo de sua atuação missionária.

A atuação de Friel no Baixo Amazonas no período inicial de suas pesquisas representou um conjunto de atividades paralelas à sua atuação como religioso, movimentando-se em barcos e canoas entre paróquias e pequenas capelas, situadas em comunidades ribeirinhas.

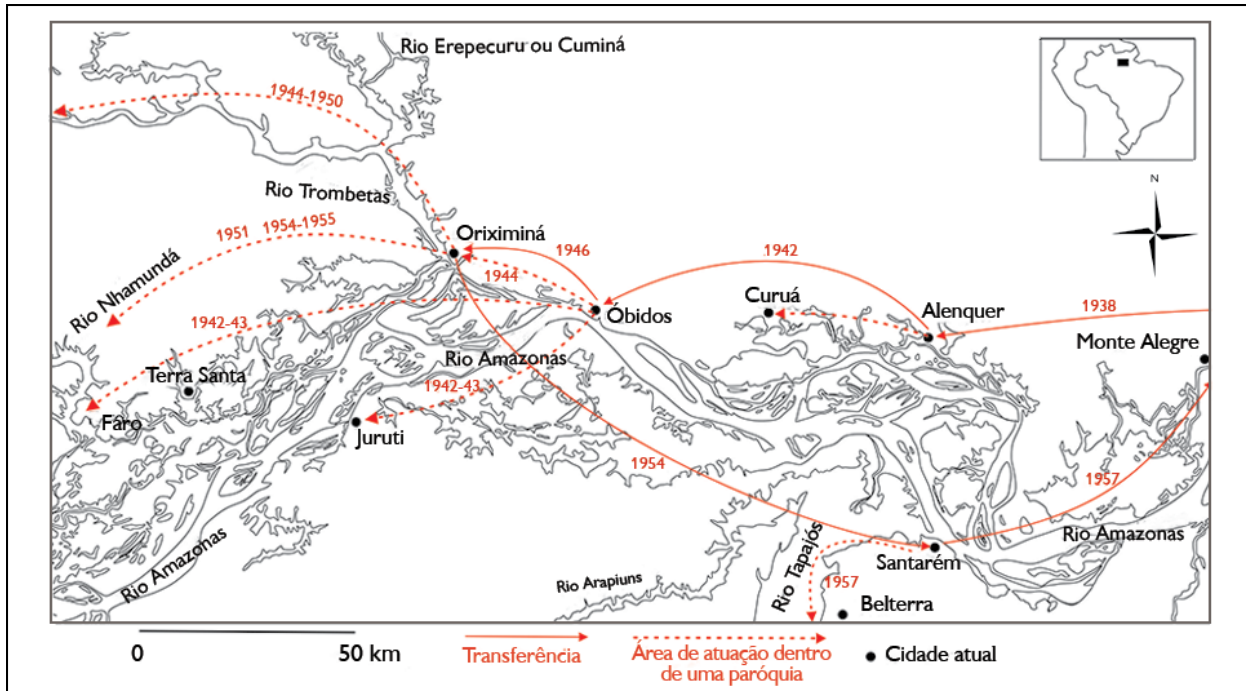


Figura 1. Mapa indicando as diferentes paróquias e áreas de atuação de frei Protásio Friel a partir das fontes consultadas. Mapa: M. L. Alves e I. M. M. Rodrigues (2025).

As crônicas publicadas na revista Santo Antônio mostram que ele exercia diferentes atividades em Alenquer e, depois, em Óbidos e Oriximiná. Na crônica da Província sobre Alenquer é dito que “há mais de 3 anos [1942], mais ou menos, em Alenquer, muito esforçado, construiu a escola de S. Sebastião . . . Incansável, não menos pelo Interior da paróquia, fez muitas viagens, com mil e tantos episódios e abnegação” (Crônicas, 1944a, p. 45).

Seu engajamento com a arqueologia ocorreu desde o início de sua chegada à Amazônia. Entre 1939 e 1941, Friel coletou materiais arqueológicos no sambaqui Ponta do Jauari, no Lago Grande do Curuá, a oeste de Alenquer (P. Hilbert, 1959). Nas crônicas de Óbidos dos anos de 1942 e 1943, vislumbra-se os encargos de Friel que, em suas viagens, não deixava de lado seu interesse pela história da região:

Com zelo e fervor, frei Protásio assumiu os trabalhos em Faro e Juruti. . . . Em Juruti-Velho, onde a matriz estava em péssimo estado – a torre já tinha caído – frei Protásio iniciou os trabalhos de reconstrução. Além disso, frei Protásio presta relevantes serviços nas suas múltiplas viagens pelo interior, estudando costume e índole do nosso povo, investigando e desenhando achados antigos dos índios, contribuindo assim muito para o melhor conhecimento do caráter do povo e também para a história franciscana no Baixo-Amazonas (Crônicas, 1944b, p. 64, ênfase adicionada).

Os dois primeiros anos de Friel na paróquia de Óbidos e região, entre 1942-1943, foram intensamente voltados ao estudo dos vestígios arqueológicos em sítios de terra preta. Entre 1944 e 1945, vinculado à paróquia de Óbidos, Friel deixou de atuar em Faro e Juruti para ser coadjutor em Oriximiná (Crônicas, 1945). Coube a ele retomar o projeto franciscano de ‘cura d’almas no rio Trombetas’ e, no ano de 1944, viajou aos rios Cuminá, ou Erepecuru, Trombetas e Cachorro. Assim, iniciou seus estudos etnográficos e linguísticos entre os Katxuyana do rio Cachorro, viajando anualmente pela bacia do rio Trombetas (Becher, 1975), mudando significativamente sua trajetória de pesquisa.

Friel foi o timoneiro que guiou os religiosos de uma comitiva franciscana até Oriximiná (Müller, 1947), o

que nos leva a pensar que ele era reconhecido enquanto entendedor da região e dos meios de navegação, fundamentais em suas atividades religiosas e de pesquisa. Após isso, ainda em 1946, transferiu-se para Oriximiná (Crônicas, 1950) e retornou aos Katxuyana. Neste mesmo ano, Friel elaborou um relatório (Friel, 1947) ao Provincial defendendo a criação de uma missão entre os indígenas das “Guianas Brasileiras”. Este relatório, publicado depois no periódico franciscano (Friel, 1948), evidencia o conhecimento etnográfico e linguístico do frei sobre os povos indígenas das cabeceiras do rio Trombetas, cuja continuidade das pesquisas o possibilitou ampliar as informações publicadas anos depois em alemão e em português (Friel, 1957, 1958). Todavia, ainda em 1948, Friel atuou como padre em Oriximiná, conforme noticiários (“Noticiário: Capítulo provincial”, 1948), transferindo-se em 1954 para Santarém (“Notícias”, 1954).

Em 1955, o prestígio intelectual de Friel estava se consolidando entre os franciscanos: “Homens entendidos dizem que frei Protásio é um dos maiores conhecedores dos índios na América do Sul” (Crônicas, 1955, p. 171). Nesta mesma crônica, há informações de que Friel subiu o rio Paru para encontrar indígenas em uma região praticamente inexplorada. Essa viagem foi prolongada até janeiro de 1956 e possibilitou a Friel coletar diversos vestígios arqueológicos, além de registrar grafismos rupestres e polidores fixos (Martins, 2013).

MÉTODOS DE CAMPO E REGISTRO

Friel desenvolveu uma sistemática de coleta e registro dos artefatos em seu primeiro período de atuação. Seu método de trabalho se assemelha ao empregado pela arqueologia profissional do período e o distancia dos colecionadores particulares que atuaram na região no mesmo período (Alves, 2019).

A principal evidência de que Friel, antes de ir para a Amazônia, tinha interesse e experiência no registro de fenômenos arqueológicos está na sua interlocução com frei Fidelis (Carlos) Ott (1908-1997). Ott obtivera um

doutorado em 1937 em filosofia na Universidade Pontifícia Romana de Santo Antônio e tinha o interesse de estudar o passado indígena a partir dos vestígios arqueológicos na Bahia (Bacelar, s.d.). Em um ensaio publicado em 1944, Ott utiliza-se de desenhos feitos por Frikel a partir de fotografias tiradas “anos antes” na Serra do Ramalho, estado da Bahia (Ott, 1944) (Figura 2). Não apenas os desenhos foram fotografados, mas também quantificados, além do desenvolvimento de hipóteses sobre a formação do painel rupestre. Na mesma publicação, também aparecem desenhos e informações obtidas por Frikel sobre os cachimbos angulares encontrados na cidade de Santarém. Comentando sobre os desenhos de Frikel, Ott (1944, p. 39) reitera: “sabemos, por experiência, que [ele] copia tais coisas com o maior escrúpulo possível”.

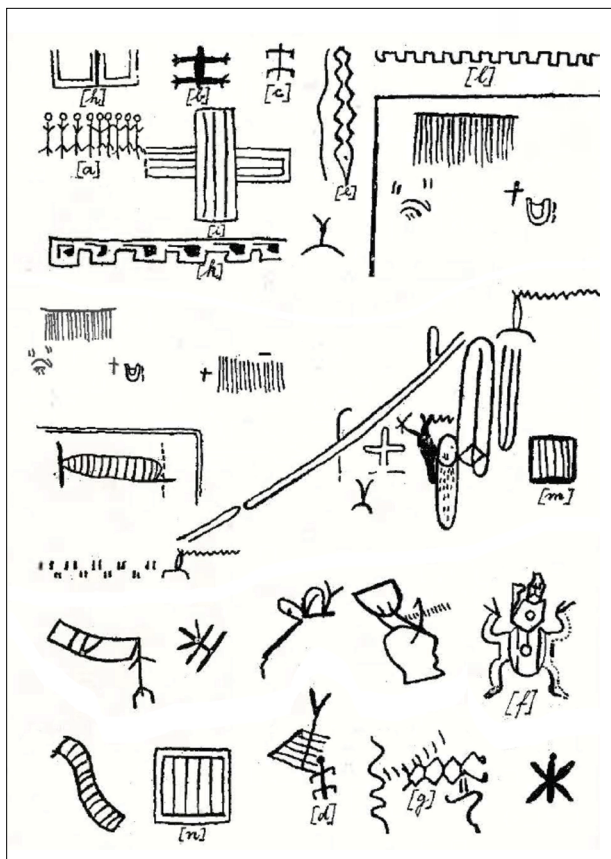


Figura 2. Grafismos rupestres da Serra do Ramalho publicados a partir de desenhos de Protásio Frikel. Fonte: Ott (1944, p. 72).

Essas informações, ainda que fragmentárias, sugerem um rigor e prática de registro que antecede à mudança de Frikel para o Pará.

O conjunto de documentos de campo e manuscritos, enviado a Peter Hilbert em 1953, nos possibilita observar exemplos da sistemática de pesquisa de campo adotada por Frikel. Esses documentos são compostos de informações sobre dois temas, o sambaqui Ponta do Jauari (P. Hilbert, 1959), e o estilo cerâmico Konduri, encontrado em sítios arqueológicos de terra preta entre Juruti, Faro e Nhamundá (P. Hilbert, 1955). Hilbert adquiriu um conhecimento especializado de escavação e análise de artefatos a partir do contato com Betty Meggers e Clifford Evans, em 1949, e acabou se tornando o principal interlocutor de Frikel sobre sua atuação inicial na pesquisa arqueológica no Baixo Amazonas (K. Hilbert, 2009).

Frikel realizou prospecção arqueológica assistemática, com a visita e o registro da localização dos sítios arqueológicos indicada em mapas feitos de próprio punho (Figuras 3 e 4), junto à realização de coleta de material de superfície. Em relação ao sítio Ponta do Jauari, Frikel (1944a, p. 6) relatou que “tudo que colhi, foi achado na superfície da terra, sem fazer tentativas de escavação”. Em uma carta enviada a Ott, Frikel, em retrospecto, elencou 41 sítios arqueológicos registrados, entre os municípios de Alenquer e Juruti, e afirmou: “todos estes lugares possuem alguns (às vezes muitos) restos de artefatos sejam líticos, sejam de cerâmicas. Em todos estes lugares estive pessoalmente embora não tenha trazido provas e amostras [de todos]” (Frikel, s.d.b, ênfase adicionada).

Além de registrar o contexto dos materiais arqueológicos, Frikel também anotava informações oferecidas pelos ribeirinhos com os quais tinha contato em suas atuações como missionário e pesquisador. Isso permitia que essas pessoas mostrassem sítios arqueológicos e doassem artefatos. Assim, Frikel registrou as narrativas sobre as paisagens, os usos dos

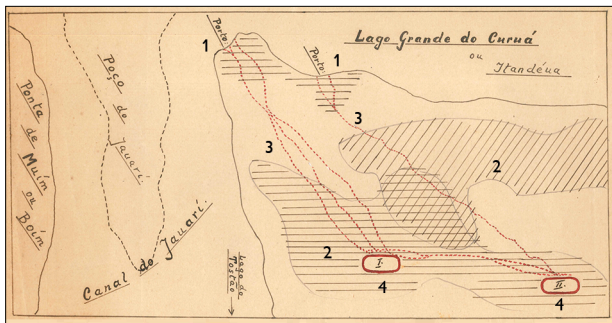


Figura 3. Planta baixa do sambaqui Ponta do Jauari, rascunho que compõe o manuscrito de Friel (1944a), sem escala. Números adicionados sobre o original para destacar os elementos registrados: 1) concentrações de cerâmica; 2) concentração de material lítico chamado localmente de 'pedregulho'; 3) caminhos de circulação no sítio arqueológico desde os portos; 4) aterros. Fonte: acervo pessoal de Klaus Hilbert, consultado em setembro de 2017.

lugares e a interpretação da função dos artefatos por parte das pessoas que lhe repassavam informações e vestígios. Também se interessava pelas narrativas dos ribeirinhos² sobre os seres encantados relacionados aos sítios arqueológicos. Em um curso d'água chamado Furo do Pajé, situado nas proximidades de Curuá, por exemplo, Friel (1943) menciona que os moradores locais consideravam a existência de um ser encantado o fator responsável pelos naufrágios de canoas.

Frikel se valeu das interpretações dos ribeirinhos para o estabelecimento de hipóteses sobre a construção das paisagens. Ele sugere, por exemplo, que o canal que constitui o Furo do Pajé foi construído pelos missionários no período colonial, como uma forma de reduzir a “enorme volta de mais de duas horas de viagem” (Frikel, 1943, p. 5) que o rio Amazonas faz acima de Curuá.

Para os materiais provenientes do sambaqui Ponta do Jauari, Friel fez um inventário escrito a mão, contendo 319 peças numeradas e descritas individualmente, com indicações para tipo, matéria-prima, data de coleta e observações. A individualização dos artefatos foi feita por

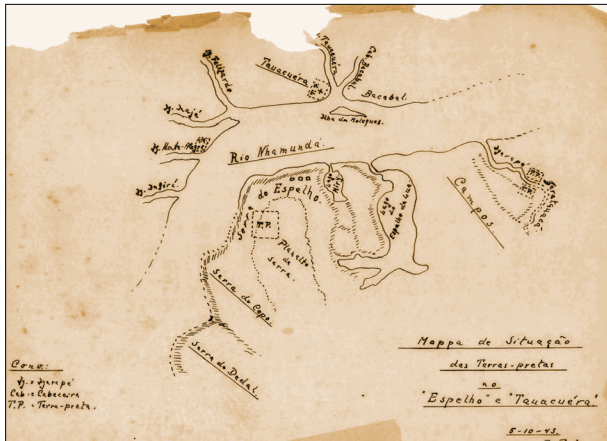


Figura 4. Mapa da dispersão de sítios arqueológicos no baixo curso do rio Nhamundá, feito por Protásio Frikel e datado de 5 de outubro de 1943. Fonte: acervo pessoal de Klaus Hilbert, consultado em setembro de 2017.

meio de um sistema alfanumérico, onde a letra 'L' parece ser uma referência ao 'Lago Grande de Curuá', e não ao nome do sítio propriamente. As peças receberam, com tinta preta, o código de identificação. No inventário, as peças são descritas considerando os grafismos e parte do artefato cerâmico coletado (Figura 5). Há observações menos voltadas para o estilo visual dos artefatos, que estariam mais próximas de uma abordagem de história da arte, e mais indicativas de um interesse nas marcas de uso, como a menção a “restos de cinza dentro do tubo” (Frikel, s.d.a). Frikel também coletou, além de artefatos, amostras de concha que foram enviadas para identificação zoológica no Museu Nacional (Frikel, 1944a; P. Hilbert, 1959).

Com relação às coleções arqueológicas reunidas e inventariadas, Frikel desenvolveu uma sistemática de descrição e classificação dos artefatos cerâmicos, especialmente em relação ao estilo visual e à iconografia, seguindo o rigor mencionado por Carlos Ott. Em seu manuscrito “O Jaurá do Lago Grande do Curuá” (Frikel, 1944a), além de desenhos das peças, o

² Protásio Friel utiliza-se da categoria 'caboclo' em suas notas e artigos para se referir aos ribeirinhos da várzea do baixo Amazonas, com quem entrou em contato. Essa era uma categoria social de uso corrente na Amazônia no período e ainda se faz presente até hoje. Optou-se aqui por 'ribeirinho', uma vez que o termo caboclo está imbuído de um pressuposto de inferioridade às pessoas a quem se refere, ou seja, é um termo pejorativo (D. Lima, 1999).



Figura 5. Sistema alfanumérico de identificação de peças arqueológicas criado por Protásio Friel. No exemplo, o cachimbo L-6 foi identificado no inventário feito por Friel (s.d.a), à esquerda, e inscrito no próprio objeto, à direita. Fonte: acervo pessoal de Klaus Hilbert, consultado em setembro de 2017.

franciscano apresenta mais de uma dezena de *roll-outs*³, decompondo em duas dimensões os motivos gráficos incisos presentes em cachimbos e fragmentos cerâmicos (Figura 6). Tal escrutínio do estilo visual da cerâmica permitiu caracterizações sintéticas para a cerâmica de Jauari e para a cerâmica do estilo Konduri, inicialmente chamada de 'estilo Juruti' nas notas de 1943. Isso demonstra um grande investimento pessoal no estudo dessas "provas e amostras" arqueológicas reunidas por ele, fruto de trabalho árduo nas 'horas vagas' de suas atividades religiosas.

Friel desenvolveu, em seu manuscrito, uma cronologia relativa a partir da diferença de estilos cerâmicos identificados em Ponta do Jauari, considerando outros sítios arqueológicos encontrados no Baixo Amazonas e nas crônicas coloniais. Sobre a cronologia de ocupação do sambaqui Ponta do Jauari, o franciscano defende uma cronologia relativa: "provavelmente, 'o estilo Jauari' é o mais antigo e (ao meu vêr) também o mais artístico, enquanto o

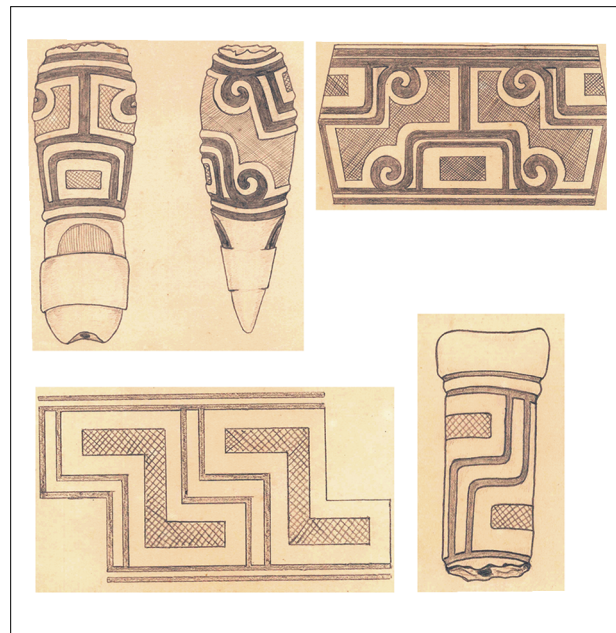


Figura 6. Desenhos de cachimbos tubulares coletados por Friel no sambaqui Ponta do Jauari e *roll-outs* dos motivos gráficos. Um dos *roll-outs* foi adaptado para a capa do livro de P. Hilbert (1968). Fonte: adaptado de Friel (1944a).

³ Roll-out significa literalmente 'desenrolar'. Trata-se da técnica de transposição de grafismos presentes em artefatos tridimensionais para superfície bidimensional do papel.

'estilo Condur' é mais recente. Pois dele ainda historiadores como [Maurício de] Heriarte dão nos notícia" (Frikel, 1944a, p. 26).

É provável que Frikel tenha entrado em contato primeiro com a cerâmica conhecida atualmente como Konduri, no município de Juruti, o que o levou a nomeá-la de 'estilo Juruti', por volta de 1943. A partir da interação por cartas com Curt Nimuendajú, Frikel adotou o etnônimo colonial "Conduri" (Frikel, 1944a, p. 26) para se referir ao estilo cerâmico. Em carta a P. Hilbert, Frikel (1953a) explica que Nimuendajú ofereceu a denominação Konduri ao material cerâmico. À época, Nimuendajú era um dos principais etnólogos atuando na Amazônia, além de ter realizado o levantamento arqueológico mais extensivo no Baixo Amazonas. Quando realizou um amplo levantamento arqueológico para o Museu Etnográfico de Gotemburgo, entre 1923 e 1925, Nimuendajú nomeou os estilos cerâmicos a partir das referências coloniais mais antigas, como Tapajó, Sapupé, Aruakí e também Konduri (Nimuendajú, 2004; Alves, 2019). As informações sobre as pesquisas arqueológicas conduzidas por Nimuendajú não foram publicadas naquele período, mas circularam entre seus correspondentes por cartas. A adoção da denominação para o estilo Konduri feita por P. Hilbert (1955), portanto, deriva de sua correspondência com Frikel que, por sua vez, modificou sua primeira denominação do material em função de suas correspondências com Nimuendajú.

Muitos elementos da monografia de P. Hilbert (1955), "A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná", estavam diretamente baseados nas observações de Frikel. Um conjunto de sítios que aparecem no mapa da dispersão da cerâmica Konduri foi apenas visitado por Frikel. Ademais, Hilbert dispunha de conhecimento da cerâmica Konduri no município de Juruti a partir das informações de Frikel, apesar de não ter incluído essas informações na publicação. Hilbert prospectou sítios arqueológicos em Juruti em 1953, em colaboração com Harald Schultz, talvez, seguindo as indicações de Frikel (Alves, 2019). Entre figuras apresentadas por P. Hilbert (1955), há uma adaptação de um desenho de uma peça coletada por Frikel, com um dos atributos mais diagnósticos da iconografia Konduri (Figura 15).

Os métodos de campo e registro do material adotados por Frikel tinham, portanto, uma sistemática pouco comum à época na pesquisa arqueológica no Brasil (Figura 7).

Havia um esforço pessoal para compreender as amostras coletadas nos sítios arqueológicos, que, conforme Hoffmann (2017), pode ser compreendido como um interesse arqueológico geral. Todavia, esse esforço não se materializou em publicações, feitas por Frikel, sobre seus resultados, ficando os manuscritos por décadas dispersos em arquivos. As coleções de objetos arqueológicos e acervos documentais correspondentes, frutos dos esforços e dedicação do franciscano, acabaram por se dispersar entre diferentes instituições.



Figura 7. Reconstituições de vasilhas a partir de fragmentos encontrados no sítio Tauaquera, na margem do rio Nhamundá, com ocupação pré-colonial e o cemitério de uma missão franciscana colonial. Fonte: acervo pessoal de Klaus Hilbert, consultado em setembro de 2017.

REAGREGANDO COLEÇÕES E ITINERÁRIOS

As pesquisas arqueológicas que Friel realizou produziram coleções cujos destinos foram variados e incertos. Ao ingressar no quadro de pesquisadores do MPEG, suas coleções, e a documentação vinculada a elas, passaram a ser mantidas na instituição (Martins, 2013). Não foi possível identificar nenhuma quantificação geral ou o mapeamento de todos os sítios arqueológicos identificados antes de sua chegada ao MPEG. O caso de Friel é dramático devido ao seu ‘desprendimento’ em relação às suas coleções e anotações do primeiro momento de pesquisa arqueológica. Com essa atitude, a documentação e os desenhos dos materiais reunidos por ele acabaram dispersos entre instituições separadas por centenas de quilômetros.

É possível mapear, a partir de arquivos e coleções de museus (Tabela 1), os itinerários de artefatos e coleções, seguindo as evidências identificadas principalmente no

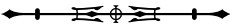
MPEG e no Museu do Índio do Convento de Ipuarana (MICI) e o modo como estas se articulam com os vínculos estabelecidos por Friel entre as décadas de 1940 e 1950.

VÍNCULOS PESSOAIS E AS COLEÇÕES NO MPEG

Os vínculos iniciais de Friel e o MPEG se formaram a partir do contato pessoal do franciscano com Curt Nimuendajú e Carlos Estevão de Oliveira (Oliveira, 1939; Nimuendajú, 2004). É possível que tenham se conhecido em 1943 e se correspondido entre 1944 e 1945. Entre as cartas enviadas para Nimuendajú, Friel (1944c) disse que mandou uma “bilha fragmentária ao Museu [Goeldi]”. Nimuendajú comenta, em relação ao material de Ponta do Jauari, que viu “as peças paleo-etnográficas que o Snr mandou aos [sic] Museu Paraense. Os elementos mais interessantes são sem duvida aquella busina de barro e a outra peça no mesmo estylo” (Nimuendajú, 1944). Não é possível dizer quais são as referidas peças e se estas passaram a compor

Tabela 1. Instituições e fontes primárias consultadas para a pesquisa. Legendas: MPEG = Museu Paraense Emílio Goeldi; MN = Museu Nacional; MICI = Museu do Índio do Convento de Ipuarana; MAE-USP = Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; MCT = Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS.

Instituição	Setor	Fonte	Fundo/Coleção
MPEG	Arquivo Guilherme de La Penha	Documental	Protásio Friel Carlos Estevão de Oliveira Peter Hilbert
	Reserva Técnica Mário Simões	Arqueológica	Charles Townsend Jr.
MN	Seção de Memória e Arquivo	Documental	Heloísa Alberto Torres
	Centro de Documentação de Línguas Indígenas	Documental	Curt Nimuendajú
MICI	Exposição do Museu	Arqueológica	Acervo do MICI
	Biblioteca do Convento	Documental	Livro de Crônicas do Convento de Ipuarana Periódico Santo Antônio
MAE-USP	Documentação	Documental	Museu Paulista Carlos Estevão de Oliveira
MCT	Acervo Pessoal Klaus Hilbert	Documental e Arqueológica	Protásio Friel Peter Hilbert
Penn Museum	Arquivo do Museu	Documental	-
	Américas	Arqueológica	Charles Townsend Jr.



o acervo da instituição naquele momento. Em outra carta a Nimuendajú, Frikel afirma que pretendia enviar a ele “algumas amostras típicas de fragmentos da cerâmica Condurí ou Conurí, mas o embrulho que por hoje vai, para o Dr. Carlos, já pesa bastante” (Frikel, 1944b). Tal passagem é indicativa de uma postura ‘desprendida’ em relação aos materiais coletados e, ainda, aponta para a participação dos objetos na manutenção da rede científica e na avaliação das interpretações.

Outro vínculo entre Frikel e o MPEG, ainda que indireto, ocorreu por meio de sua relação com P. Hilbert, que foi tão pessoal a ponto de o franciscano ser o padrinho de batismo do filho de Peter, o também arqueólogo K. Hilbert (2009). A relação entre esses pesquisadores contrerrâneos determinou o envio e a conservação de coleções que serviram de base para a arqueologia amazônica por mais de meio século. Tais coleções, e suas documentações correlatas, podem ser compreendidas como materializações de vínculos de confiança com uma pessoa que pode retomar os estudos iniciais de Frikel, como no caso do sítio Ponta do Jauari. Apesar dessas coleções terem sido enviadas especificamente para P. Hilbert, grande parte desse acervo ficou no MPEG. Décadas depois, ao menos três peças seguiram com Klaus Hilbert para o Rio Grande do Sul, onde se encontram atualmente no MCT, junto a manuscritos e desenhos feitos por Frikel.

A coleção reunida no sambaqui Ponta de Jauari, assim como a da Missão Cururu (alto rio Tapajós), formada em julho de 1957, foram enviadas ao MPEG na segunda metade da década de 1950 para os estudos de P. Hilbert (1958, 1959, 1968). Todavia, não há detalhes do envio das peças ao MPEG e tampouco documentos de campo associados. Desse material, 264 peças compõem atualmente a coleção da Ponta do Jauari e mais de seis mil peças integram a coleção Cururu⁴ (Martins, 2013).

Ao menos uma peça, um cachimbo coletado no sambaqui Ponta do Jauari, acompanhou parte do acervo amazônico mantido atualmente no MCT.

O repasse de parte das peças reunidas na década de 1940 para Townsend Jr. pode ser resultado de interações mais esporádicas, que precisam ser melhor investigadas. A coleção foi doada ao MPEG em 1960 e é composta por 3.050 peças, majoritariamente do estilo cerâmico Tapajó (Rosa, 2004). As peças coletadas por Frikel não estão especificadas, mas é possível diferenciá-las pelo estilo cerâmico Konduri (61 peças) e, principalmente, por marcações de proveniência em 30 exemplares. As marcações são compostas por uma inicial em letra maiúscula em tinta preta. Essas iniciais são correspondentes às informações disponíveis nas etiquetas atuais do MPEG. Mesmo que a caligrafia seja distinta da encontrada nas peças do sambaqui Ponta do Jauari, é provável que tenham sido feitas pelo próprio franciscano, uma vez que aparecem com a caligrafia bem semelhante à observada na coleção mantida no MICI (Figura 8), tratada a seguir.

Alguns dos cachimbos angulares coletados por Frikel, que aparecem em suas notas ou nas pranchas publicadas por Ott (1944), apresentam marcações idênticas.



Figura 8. Apliques Konduri com marcação de proveniência ‘F’ (Faro) em peça da coleção Charles Townsend Jr. (MPEG) e em peça da coleção do MICI. Ambas as peças provavelmente foram coletadas e marcadas por Frikel. Fotos: M. L. Alves (2018) e I. M. M. Rodrigues (2019).

⁴ Essa coleção não foi estudada por nós, mas a observação de uma lâmina de machado na atual exposição do MPEG, observada em março de 2025, permitiu notar uma lâmina de machado com a anotação ‘K/Vila de Curuá’, o que sugere que nessa coleção existem peças que não foram coletadas no sambaqui Ponta do Jauari.

Através de fotos publicadas em Barata (1952), sabe-se que esses cachimbos estão na coleção Charles Townsend Jr. ao menos desde 1951. Ainda, é possível que artefatos do estilo cerâmico Tapajó, majoritários na coleção Townsend Jr., tenham sido parcialmente reunidos por Frikel. Também há uma lâmina de machado polida que exhibe a inscrição 'Santarém 1939' na coleção Townsend Jr. que pode ter sido coletada pelo franciscano (Rosa, 2004).

Uma das peças cedidas a Townsend Jr. era uma estatueta lítica em forma de quelônio com dois furos transversais (Figura 9), que não foi identificada no acervo do MPEG (Rosa, 2004). A estatueta foi comprada pelo *Penn Museum* em 1960, na Filadélfia (EUA), talvez a partir do intermédio da arqueóloga Helen Palmatary, que foi colaboradora da instituição e publicou uma descrição do objeto (Palmatary, 1960). Antes disso, essa estatueta pertenceu a Townsend Jr. pelo menos desde 1951 (Barata, 1952). A escultura teria sido dada a Frikel por um xamã indígena do rio Trombetas, segundo Townsend Jr.



Figura 9. Estatueta lítica com dois furos em formato de quelônio que foi dada por um xamã indígena a Protásio Frikel, repassada depois a Charles Townsend Jr. Coleção do *Penn Museum*. Foto: M. L. Alves (2023).

(Palmatary, 1960). Infelizmente não há mais detalhes sobre a aquisição feita por Frikel em um momento de sua aproximação inicial com os povos indígenas da bacia do rio Trombetas.

OBJETOS DE PRÁTICAS CIENTÍFICA E MISSIONÁRIA NA AMAZÔNIA

O MICI está situado no Convento de Ipuarana, parte da Província Franciscana de Santo Antônio, e foi criado por franciscanos de origem alemã. De acordo com o primeiro “Livro de Crônicas” (1940-1996), o convento foi fundado em 1940 na cidade de Lagoa Seca, Paráíba. Já o Museu do Índio foi inaugurado em 1951, com coleções etnográficas e arqueológicas reunidas no alto Tapajós e alto Trombetas. Ainda segundo o “Livro de Crônicas” (1940-1996), o museu foi formado por materiais obtidos pelas expedições de Protásio Frikel, Marcelo Gercken e Tomás Kockmeyer.

Não há informações no MICI sobre as peças arqueológicas que permitam conectá-las aos seus contextos originais na exposição do museu (Figura 10). Todavia, por meio de seu estilo visual, foi possível reconhecer cerâmicas Konduri, Tapajó, Koriabo, Espinha de Peixe e Pocó, o que sugere que a maioria desse material foi coletada por Frikel, como atestado por sua carta a Peter Hilbert (Frikel, 1953a). Ademais, em artefatos cerâmicos e líticos, nota-se as mesmas iniciais marcadas em parte dos objetos cerâmicos da coleção Charles Townsend Jr. Cruzando as informações entre essas iniciais e a proveniência, é possível dizer que há peças oriundas de Oriximiná, Curuá, Faro e Santarém, mas há outras que ainda não puderam ser relacionadas a nenhuma das áreas mencionadas na documentação (Tabela 2). Essas iniciais se encontram nas peças e também no mostruário de madeira do MICI (Figuras 11 a 14). Algumas lâminas de machado polidas apresentam as inscrições ‘Alto Tapajós’ e ‘São Luís Tapajós’, indicando uma comunidade muito próxima à Missão São Francisco do Cururu, onde Frikel também conduziu pesquisa arqueológica.

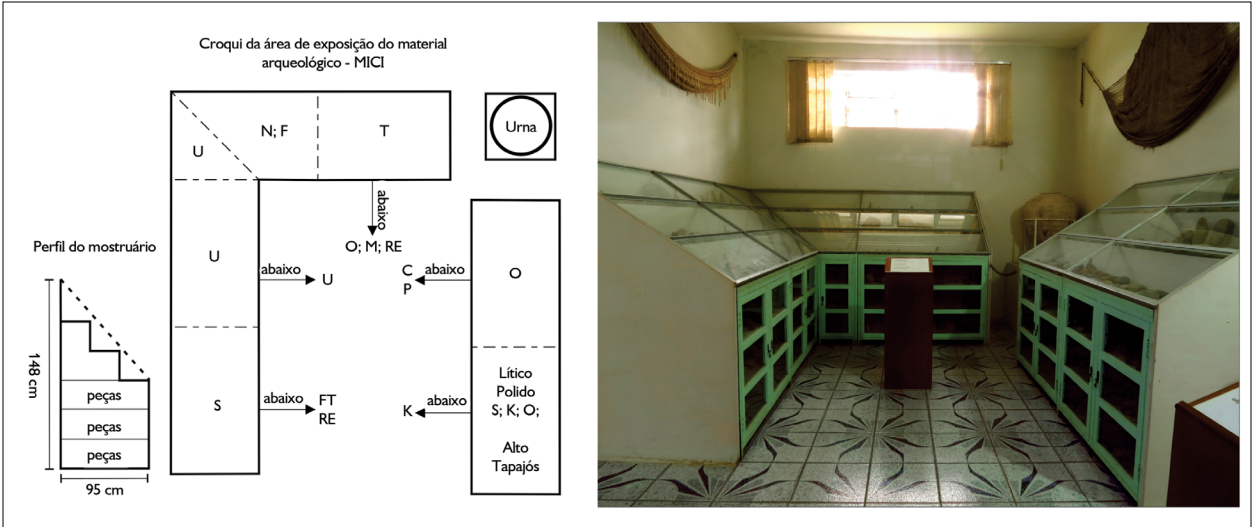


Figura 10. Material arqueológico exposto no MICI. O croqui mostra a distribuição de peças arqueológicas a partir das iniciais ou indicações de proveniência. Foto: I. M. M. Rodrigues (2019).

Tabela 2. Indicação de siglas, proveniência das peças arqueológicas e complexos cerâmicos representados a partir da consulta às coleções. O asterisco (*) indica possíveis proveniências indicadas a partir da lista de sítios em Friel (s.d.b). Legendas: MPEG = Museu Paraense Emílio Goeldi; MCT = Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS; MICI = Museu do Índio do Convento de Ipuarana.

Sigla	Proveniência	Estilo cerâmico	Instituição
L	Lago Grande de Curuá/Ponta do Jauari	Jauari	MPEG e MCT
S	Santarém	Santarém/Tapajó, Cachimbos coloniais	MPEG e MICI
U	Oriximiná	Konduri	MPEG e MICI
T	Terra Santa	Konduri	MPEG e MICI
K	Curuá	Koriabo, Konduri	MPEG e MICI
F	Faro	Konduri	MPEG e MICI
C	Curuá	Koriabo, Pocó, Espinha de Peixe, indeterminado	MPEG e MICI
O	Óbidos	Pocó, indeterminado	MICI
P	Lago Piquiá (Santarém?)*, Pacoval (Santarém?)* ou Costa do Paru (Óbidos)*	Indeterminado	MICI
M	Barra Mansa* ou São Manoel*	Indeterminado	MICI
N	Nova Olinda (rio Nhamundá) *	Konduri	MICI
V	-	Konduri	-
FT	-	Konduri	MICI
RE	-	Indeterminado	MICI



Figura 11. Cerâmica Tapajó, Santarém ou tapajônica no acervo do MICI. Algumas apresentam a inicial 'S' marcada na peça: A-C) 'fruteira' ou prato com base anelar, notar 'S' na face externa; D) aplique em forma de cabeça de urubu-rei, característico dos vasos de gargalo; E) corpo de estatueta feminina; F) apliques em formas de figuras femininas, parte dos vasos de cariátides. Escalas: A-C = 5 cm; D, E e G = 1 cm; F = 10 cm. Fotos: I. M. M. Rodrigues (2019).



Figura 12. Vasos de gargalo semelhantes aos do estilo Santarém, mas que são encontrados ao longo de todo o Baixo Amazonas: A-B) vistas de lado do vaso; C) reconstrução de um vaso análogo. A peça se encontra muito restaurada com gesso e pintura. Não há registro do histórico de restauros. Foto: I. M. M. Rodrigues (2019). Desenho: adaptado de Alves (2018).

No espaço principal da exposição atual dos materiais arqueológicos, há uma grande vasilha, de contorno simples, boca constricta e pescoço baixo, identificada em um papel da exposição como “Urna funerária: índios de Santarém” (Figura 13). Contudo, essa informação de proveniência parece equivocada. Entre o material escavado por Frikel na Missão São Francisco do Cururu havia “uma urna [funerária] inteira”, à qual Hilbert teve acesso apenas “segundo fotografia do Frei Protásio” (P. Hilbert, 1958, p. 6). Isso informa que Hilbert nunca consultou a peça diretamente, já que foi enviada para o MICI e não para o MPEG, como aconteceu com o resto da coleção.

Em um artigo escrito por Gilberto Freyre (1957a, p. 64), para a revista *O Cruzeiro*, há uma foto de Frikel com o mesmo recipiente cerâmico, durante a montagem de uma exposição etnográfica de 1957, realizada em Recife, para a comemoração do terceiro centenário da atuação franciscana no Brasil. Essa exposição foi composta de materiais arqueológicos e etnográficos que mostravam, na pessoa de Frikel, “um exemplo admirável do quanto pode realizar a filosofia franciscana aplicada à ciência etnológica” (Freyre, 1957b, p. 4). Na mesma fotografia publicada por Freyre (1957a), aparece uma vasilha etnográfica Katxuyana e uma Aparai, que estão atualmente no MICI, evidenciando a familiaridade do franciscano tanto com o material arqueológico quanto etnográfico (Figura 14).

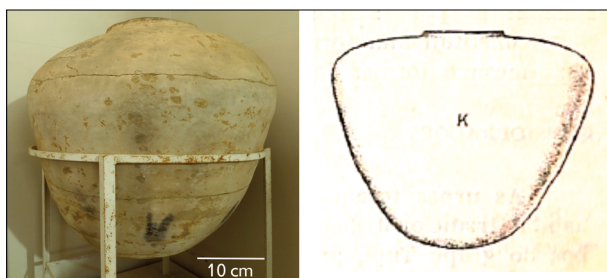


Figura 13. Urna funerária em exposição no MICI. Foto: I. M. M. Rodrigues (2019). Fonte: desenho feito a partir de foto publicada em P. Hilbert (1958, p. 8).



Figura 14. Protásio Frikel organizando o material arqueológico e etnográfico para a exposição de tricentenário da Ordem Franciscana em Recife. Na imagem, é possível identificar a urna coletada na Missão Cururu (A); uma vasilha Katxuyana (B); uma vasilha Aparai (C). Fonte: adaptado de Freyre (1957a). Fotos de peças do MICI: I. M. M. Rodrigues (2019).

O ENTRELAÇAMENTO DAS COLEÇÕES

A comparação entre as coleções mantidas em diferentes instituições evidencia estratégias de seleção dos objetos e as mediações feitas por Frikel com seus interlocutores. O conjunto de apliques na coleção Charles Townsend Jr., por exemplo, não inclui exemplares de cerâmica Pocó, como identificados no MICI. Em sentido contrário, os cachimbos angulares foram direcionados para Townsend Jr., talvez a partir dos interesses do colecionador. Em contraste com os materiais reunidos como 'amostras' desagregadas entre interlocutores e instituições, a coleção reunida no sambaqui Ponta do Jauari parece ter sido mantida em sua integridade, pois nenhuma das peças desse sítio foi identificada na coleção em Ipuarana. Os vestígios da missão franciscana colonial de Curuá (Frikel, 1943), por sua vez, não têm seu paradeiro conhecido. Como Frikel (1953a) relata a Peter Hilbert, parte de sua coleção foi mantida em Óbidos e também pode ter sido guardada nas outras cidades onde estabeleceu residência como missionário, a qual, possivelmente, pode ter sido extraviada.

O projeto de estudo empreendido por Frikel pode ter sido ainda mais amplo do que as notas identificadas indicam. Apliques diagnósticos de vasilhas do estilo Tapajó com a inicial 'S' (Santarém) marcada na superfície das peças, indicando a proveniência, como vasos de caríatides, vaso de gargalo, vaso globular com aplice de cabeça de onça, além de uma tigela inteira com pedestal (fruteira), demonstram que Frikel se interessou por esse tipo de cerâmica (Figura 12). Outra peça que se destaca é um vaso de gargalo parcialmente fragmentado e bastante restaurado (gesso e pintura amarela) de um tipo encontrado ao longo de todo o Baixo Amazonas (Figura 13; Alves, 2018). Frikel esteve em diferentes momentos em Santarém e pode ter reunido esses materiais. Considerando a dispersão dos documentos produzidos pelo missionário, é possível que ele também tenha tomado notas e produzido interpretações a respeito da arqueologia nas imediações de Santarém, mas estas ainda não puderam ser identificadas.

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA DE FRIKEL E A *VÖLKERKUNDE*

As coleções arqueológicas reunidas no momento inicial da atuação de Frikel no Baixo Amazonas, entre 1939 e 1944, materializam uma sistemática de pesquisa arqueológica, pioneira na Amazônia brasileira. Sua abordagem arqueológica sobre o Baixo Amazonas desse momento inclui o estudo monográfico do sambaqui Ponta do Jauari, uma perspectiva panorâmica do estilo Konduri e do processo de formação das missões franciscanas do período colonial. Essa abordagem sugere um procedimento científico indutivo de construção de conhecimento, que infelizmente não resultou em publicações. Além disso, por não ser um pesquisador institucionalizado, sua condição pode ter contribuído para a dispersão das coleções reunidas entre diferentes interlocutores e instituições. Recuperar e articular essas informações nos possibilita valorizar coleções arqueológicas significativas da história da arqueologia amazônica feita no Brasil.

O engajamento de Frikel com fenômenos arqueológicos tem antecedentes no período em que esteve na Bahia, onde conviveu com outros franciscanos interessados em antropologia e arqueologia. A formação em antropologia de Frikel foi informal, mas se deu sob grande influência da tradição antropológica germânica, conhecida como *Völkerkunde* ('estudo dos povos') ou *moderne Ethnologie* ('etnologia moderna') (Welper, 2002; Frank, 2005; Vermeulen et al., 2019). Sua origem alemã permitiu acesso a uma ampla gama de estudos etnográficos, linguísticos e arqueológicos publicados em alemão sobre as terras baixas da América do Sul. Na Alemanha e na Áustria, a *Völkerkunde* desenvolveu uma ênfase indutiva histórico-cultural, focada no registro de mitos e concepções culturais particulares e, especialmente, no colecionamento de objetos etnográficos. Esse colecionismo abarrotou os museus, pensados enquanto espaços destinados a manter arquivos materiais da diversidade humana (Penny, 2002). Valores liberais-humanistas com aspirações enciclopédicas, seja em abordagens laicas ou confessionais, criaram uma tradição distinta do universalismo evolucionista da antropologia britânica e francesa. Essas são as bases éticas

e epistemológicas do desenvolvimento da antropologia estadunidense com migrantes alemães e seus descendentes em torno do conceito de cultura, com particular destaque para Franz Boas (1858-1942).

O Brasil foi uma área de especial interesse para realizar pesquisas antropológicas orientadas pela agenda da *Völkerkunde* desde a década de 1880 (Petscheli, 2022), dada a sua independência política em relação aos grandes impérios europeus e a enorme diversidade das populações nativas. Obras de naturalistas de origem germânica, como Karl von Martius, datam ainda do começo do século XIX. Mesmo sem as condições institucionais encontradas nos Estados Unidos por F. Boas e seus alunos, o Brasil foi um campo fértil à construção de carreiras de etnólogos germânicos ou de ascendência germânica, como Herbert Baldus (1899-1970), e de autodidatas como Curt Nimuendajú (1883-1945) e Harald Schultz (1909-1966), além do arqueólogo Peter Hilbert (1914-1989).

A atuação de Friel como missionário tinha por base o ideal do ‘pesquisador-missionário’ (*Forschermissionare*). Em seu primeiro artigo na revista Santo Antônio, no qual analisa narrativas míticas contadas pelos ribeirinhos do Baixo Amazonas, Friel defende que a atuação dos franciscanos deve se basear no “ideal de ser pesquisadores-missionários, no sentido dos padres de Steyl [missionários do Verbo Divino]. Primeiro, pesquisadores, para explorar o terreno; depois, missionários, para semear a palavra de Deus de maneira adaptada às circunstâncias” (Friel, 1940, p. 6)⁵. A proposta de Friel estava de acordo com uma corrente confessional católica da antropologia de língua alemã. Essa corrente católica ficou conhecida como ‘escola de Viena’ e teve como principal expoente o padre católico Wilhelm Schmidt, criador e editor da revista *‘Anthropos’*. A abordagem de Schmidt esteve focada na difusão de invenções, conhecida como *Kulturkreis* (‘círculos culturais’), além da tese do “monoteísmo primordial” (Araújo, 2013).

Os franciscanos alemães, como Friel e seus colegas, produziram “ensaios etnológicos” como estratégia para a introdução das noções cristãs entre as populações indígenas para facilitar a conversão (Collevatti, 2009).

Em um documento destinado aos seus superiores, Friel (1948, p. 112) ressaltou que a “religião primitiva” dos povos das Guianas brasileiras equivaleria ao “verdadeiro e relativamente puro monoteísmo”, facilitando a conversão desses povos. Os missionários alemães, como Friel e seus colegas, recebiam uma educação humanista e tinham interesse sobre os modos de vida indígenas, o que os tornou interlocutores privilegiados de muitos dos principais etnólogos da época. Assim como esses etnólogos, os religiosos recorriam às observações etnográficas e ao método comparativo, valendo-se do conceito alemão de cultura e do vocabulário científico da época, permeado pelos valores da “antropologia de salvamento” (Collevatti, 2009). A pesquisa etnográfica e a reunião de coleções etnográficas eram, nesse sentido, uma ferramenta crucial para a atuação de Friel enquanto missionário (Rodrigues & Wai Wai, 2024).

A rede científica, no momento inicial de atuação de Friel, incluía missionários-pesquisadores, como o frei Fidelis Ott (Ott, 1944). Em termos de método arqueológico, Ott parece ter sido o missionário-pesquisador que mais se dedicou ao tema. No livro “Pré-história da Bahia”, Ott (1958) resalta, por exemplo, a importância do uso de analogias etnográficas para construir interpretações dos vestígios arqueológicos, uma característica da tradição histórico-cultural germânica. Ott (1958, p. 9) argumentava também que, “por intermédio das informações etnográficas ou de ideias pré-históricas conservadas no folclore[,] chegamos a descobrir o verdadeiro significado e uso de objetos arqueológicos”. A mesma ênfase no uso de analogia etnográfica e da história oral é encontrada na construção de interpretações apresentada por Friel em suas cartas e manuscritos. É possível que Friel compartilhasse a mesma

⁵ Tradução do original em alemão: “Wir müssten das Ideal haben Forschermissionare zu sein, im Sinne der Steyer Patres. Erst Forscher, um das Erdreich zu erkunden; dann Missionare, um daselbst das Wort Gottes auf eine den Umständen angepasste Weise zu saen”.

concepção sobre o 'salvamento' dos 'documentos inéditos' preservados no solo, no início de sua trajetória. Tudo isso nos ajuda a entender melhor, por exemplo, a articulação entre fontes orais indígenas e vestígios arqueológicos que desenvolveu melhor em trabalhos posteriores (por exemplo, Frikel, 1963, 1970).

O estudo arqueológico da várzea do Baixo Amazonas, iniciado por Frikel, incluiu a reunião de materiais e sua descrição, ao mesmo tempo em que buscava estabelecer o contato com a comunidade especializada na arqueologia da Amazônia no começo da década de 1940, para além de outros franciscanos. O interesse de Frikel por arqueologia emergiu em um momento de grande efervescência do estudo do passado pré-colonial amazônico durante a Era Vargas. As pesquisas de Curt Nimuendajú, entre 1923 e 1926, no Baixo Amazonas, por exemplo, apresentaram uma cerâmica pré-colonial ricamente elaborada, que logo chamou a atenção nas primeiras publicações sobre o tema (Alves, 2019). Os diretores das principais instituições com coleções arqueológicas amazônicas da época, como Heloísa Alberto Torres, do MN, e Carlos Estevão de Oliveira, do MPEG, foram contatados pelo franciscano. Frikel manteve contato com Curt Nimuendajú que, por sua vez, mantinha contato, desde a década de 1920, com franciscanos da Prelazia de Santarém (Welper, 2002). A participação nessa rede é fundamental para compreender como Frikel avaliou seus resultados.

Frikel reuniu coleções e conseguiu construir redes com algumas das principais autoridades na pesquisa arqueológica do Baixo Amazonas, mas acabou distribuindo suas coleções entre interlocutores e instituições. Essa decisão pode ser explicada por, pelo menos, três fatores. O primeiro fator foram as críticas feitas por Nimuendajú aos seus métodos e interpretações no artigo sobre o sambaqui Ponta do Jauari, que nunca foi publicado. Em segundo lugar, Protásio foi redirecionado à retomada da missão religiosa entre indígenas da bacia do rio Trombetas, ao mesmo tempo em que sofreu advertência de seus superiores da Ordem Franciscana em relação a seus estudos arqueológicos, levando-o a desconfiar que estava sendo censurado.

Por fim, o início de sua pesquisa etnográfica entre os povos indígenas dos tributários do rio Trombetas contribuiu para o abandono de seu envolvimento com os materiais arqueológicos da várzea do rio Amazonas, ao mesmo tempo em que propiciou sua inserção no meio intelectual da antropologia feita no Brasil em meados do século XX.

A rede científica na qual Frikel se inseriu serviu de sustentação de sua pesquisa arqueológica inicial a partir de avaliações positivas de seu trabalho com o sambaqui Ponta do Jauari. Em seu manuscrito monográfico sobre o sítio, o franciscano comenta que "o testemunho dos dois eminentes etnólogos", que são o Sr. Curt Nimuendajú e o Dr. Carlos Estevão, "garante que a cerâmica encontrada por ele era inédita, conformando um novo estilo de arte indígena ou até uma nova cultura" (Frikel, 1944a, p. 25). Heloísa Alberto Torres também dava suporte à pesquisa de Frikel, promovendo a identificação zoológica de amostras de espécies de bivalves. Entretanto, essas avaliações positivas foram sobrepostas pela crítica do manuscrito realizada por Nimuendajú.

O manuscrito "O Jauari do Lago Grande do Curuá" (Frikel, 1944a) foi finalizado em novembro de 1944 e teve uma cópia enviada a Nimuendajú, em seguida. A resposta de Nimuendajú é uma carta de apenas uma página sobre o manuscrito e contém uma lista sucinta de quatro sugestões, enfatizando a ocupação prolongada do sambaqui. Para Nimuendajú (1945), o franciscano teria se equivocado na interpretação de certos materiais, como 'buzinas' e 'tangas', além de ter identificado como 'mascarão' o que poderia ser apenas um rosto estilizado, na iconografia de um cachimbo. Em relação às 'buzinas', em especial, o missionário deixa transparecer a importância dada às informações fornecidas pelos ribeirinhos, aspecto metodológico fundamental em sua pesquisa: "[quanto] às tais 'buzinas' deixei-me enganar pelo fato de um dos caboclos, realmente, ter soprado buzina numa delas" (Frikel, 1945). A carta de Nimuendajú não traz elementos de questionamento profundo do conteúdo do manuscrito, além de exaltar que Protásio teria feito "uma descoberta extremamente interessante e inesperada" (Nimuendajú, 1945). O tema não ganha

destaque na correspondência seguinte enviada por Frikel, mas há um desolamento do franciscano com os comentários do eminente antropólogo. Ele diz a Nimuendajú que: “A sua benevola critica, ao menos em olhos, tirou ao trabalho quasi todo o valor. E não farei objeção alguma caso o Dr. Carlos não o queira mais publicar” (Frikel, 1945). Esse tema do sambaqui Ponta do Jauari não aparece mais nas cartas seguintes e o manuscrito nunca foi publicado.

A resposta de Frikel parece desproporcional às sugestões pontuais direcionadas a seu manuscrito. O abandono pode ter uma causa que não está explícita na interlocução por cartas entre Frikel e Nimuendajú. Em uma carta destinada a Ott, Frikel apresenta os resultados de seus levantamentos entre Faro e Alenquer. O documento acessado é uma transcrição mantida no Fundo Heloísa Alberto Torres (Seção de Memória e Arquivo, Museu Nacional)⁶, que enfatiza informações sobre sítios arqueológicos e o conflito em torno das coleções. A data não é mencionada nesse documento, mas, considerando os outros documentos sobre a cerâmica Konduri e os sítios arqueológicos, é provável que seja datada do final de 1943 e começo de 1944. As informações disponíveis nas crônicas sobre o franciscano ‘Pio’ também corroboram essa estimativa de data. A carta em questão faz referência a conflitos com um superior sobre as coleções arqueológicas, mas não explica todo o contexto. Eis o trecho:

Mandei-lhe no mês de Outubro 3 cartas, mas parecem que não chegaram as suas mãos, pois você me escreve de uma só. Estou desconfiado que foram retidas por outra censura. Atualmente frei PIO (comissário) está aqui; fez a visita canônica. Levei um carão enorme por causa destes assuntos [material arqueológico]. Um dia vou lhe contar tudo. Estou quasi decidido a jogar tudo [as coleções] no Amazonas (Frikel, s.d.b).

Considerando a gravidade da advertência, que poderia levar até o descarte completo dos materiais cuidadosamente coletados e estudados, é possível que esse episódio seja uma outra causa do abandono das pesquisas arqueológicas dos primeiros anos de Frikel no Pará. O estudo de outras correspondências entre Frikel e Ott poderá elucidar esse conflito.

Uma terceira razão para o abandono da pesquisa arqueológica na várzea fica implícita na correspondência entre Frikel e Nimuendajú. As informações etnográficas e linguísticas foram o tema de maior interesse nas cartas, mesmo quando materiais arqueológicos eram mencionados. Nimuendajú estava finalizando o seu “Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes” e havia um número ainda limitado de informações sobre povos com os quais Frikel estava entrando em contato (Nimuendajú, 2017). O ideal de ‘antropologia de salvamento’, manifesto na obra de Nimuendajú, o direcionava para o registro de mitos e organizações sociais que estariam desaparecendo com a expansão da sociedade envolvente. Frikel forneceu informações que passaram a compor essa obra, que sintetiza cartograficamente as fontes históricas e etnográficas. Desse modo, se por um lado, uma das principais autoridades no campo criticava e se interessava menos pelo trabalho arqueológico de Frikel, por outro, demonstrava interesse por detalhes de dados linguísticos e etnográficos sobre os povos com os quais o religioso começava a atuar.

As coleções arqueológicas reunidas por Frikel em seu primeiro momento de atuação na Amazônia se dispersaram em meio a uma trajetória conturbada, sem o completo apoio institucional e com inseguranças geradas por uma formação autodidata. O franciscano não abandonou a

⁶ Heloísa Alberto Torres (1895-1977) realizou pesquisa arqueológica sobre a ilha de Marajó, tendo sido vice-diretora (1935-1937) e diretora (1938-1955) do Museu Nacional (MN) do Rio de Janeiro. Entre 1934 e 1938, foi membro do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB), que foi o primeiro órgão a controlar as pesquisas etnográficas e arqueológicas no país (Grupioni, 1998). Heloísa Alberto Torres foi uma das principais articuladoras do CFEACB, como representante do MN, sendo responsável por torná-lo “o grande beneficiário das ações de fiscalização” (Grupioni, 1998, p. 83). Considerando a identificação de “cópia-política” na transcrição da carta escrita por Frikel, é provável que Heloísa Alberto Torres tenha se preocupado com o desaparecimento de coleções de uma área sobre a qual ela, Carlos Estevão de Oliveira, Curt Nimuendajú e outros tinham grande interesse de pesquisa (Alves, 2019).

prática de coletar objetos arqueológicos, mas sua descrição minuciosa permaneceu restrita ao manuscrito inédito “O Jauarí do Lago Grande do Curuá” (Frikel, 1944a) e as notas sobre o estilo Konduri. As coleções enviadas ao MICI não foram completamente abandonadas por Frikel e, ao menos, cumpriram seu papel missionário na exposição que celebrou o tricentenário da Ordem Franciscana. A existência do MICI, como parte da formação de missionários franciscanos, combinando em seu acervo e exposição objetos etnográficos e arqueológicos até o presente, é uma materialização da prática científica e missionária sob influência da antropologia germânica. As pesquisas de Frikel podem, assim, ser vistas como um capítulo germânico pouco conhecido da arqueologia amazônica.

Apesar das adversidades, Frikel manteve, ao longo de sua trajetória, uma ‘paixão colecionista’ em relação aos materiais arqueológicos nas áreas em que trabalhou nas décadas seguintes. Até seu ingresso no quadro do MPEG, ele reuniu artefatos que foram estudados por P. Hilbert, seu parceiro intelectual e amigo, na década de 1950. Em muitas das interpretações apresentadas por P. Hilbert, é possível ver as marcas das interpretações iniciais de Frikel, como no caso do motivo iconográfico ‘rosto’, característico da cerâmica Konduri (Alves, 2020). A sequência de troca de informações está materialmente visível entre peças, desenhos e descrições enviadas de Frikel para P. Hilbert (Figura 15). O retorno de P. Hilbert e sua família, em 1961, para a Alemanha marca o fim da

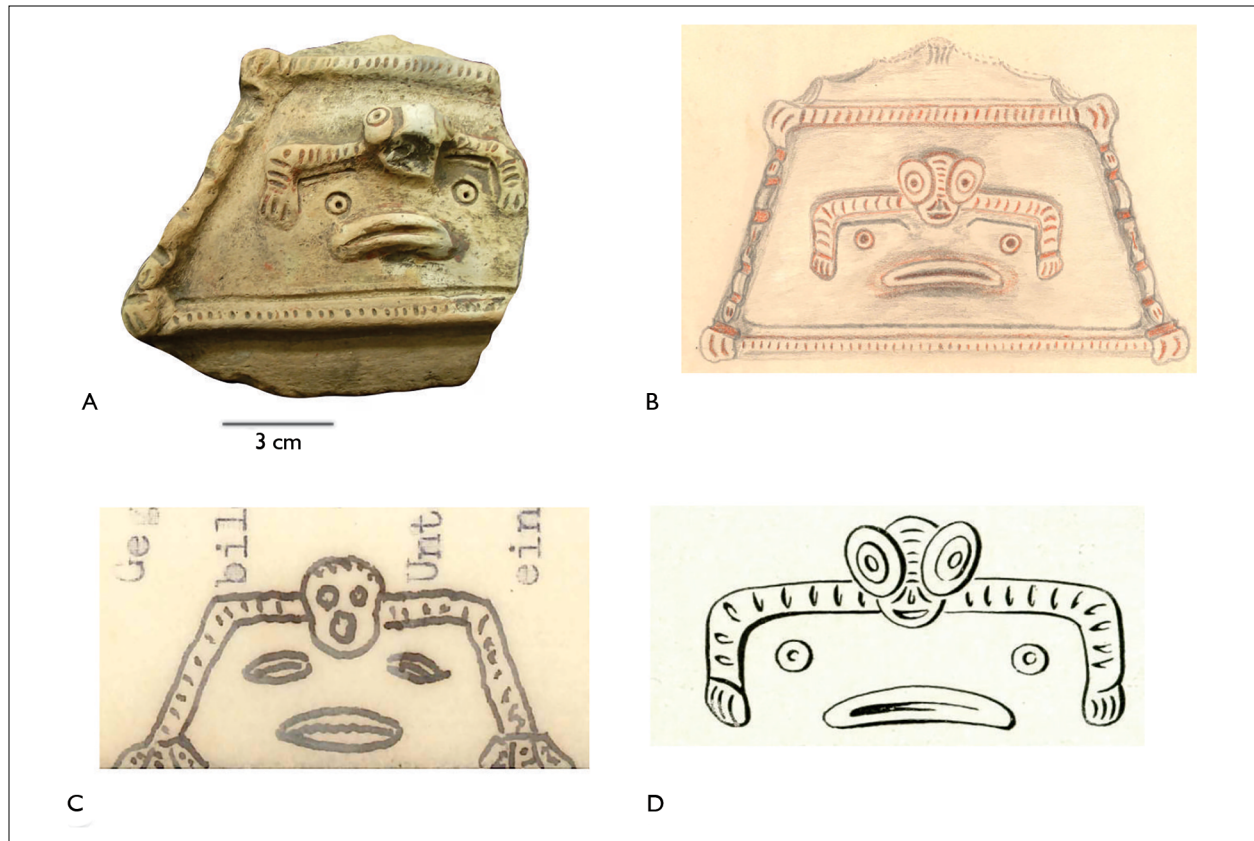


Figura 15. Desenho de motivo ‘rosto’ em fragmento de alça sobre borda, característico da cerâmica Konduri: A) foto da peça coletada por Frikel em Juruti; B) desenho feito por Frikel, datado de 12 de outubro de 1942, sítio Terra Preta, Juruti; C) esquema em margem de carta a Hilbert datado de 25 de janeiro de 1953; D) imagem do motivo ‘rosto’, baseada no desenho feito por Frikel. Foto: M. L. Alves (2017) (A). Fontes: acervo pessoal de Klaus Hilbert, consultado em setembro de 2017 (B, C) e P. Hilbert (1955, p. 63) (D).

divisão do trabalho entre coleta e análise (K. Hilbert, 2009). É nesse momento que Frikel retoma o método da justaposição de história oral e arqueologia entre os Tiriyo e Katxuyana (por exemplo, Frikel, 1963, 1970), realizando o que Hoffmann (2014/2015) entende ter sido sua orientação científica voltada para a reconstrução etno-histórica de povos indígenas. As contribuições de Frikel para a arqueologia amazônica são fundamentais, uma vez que algumas de suas ideias persistem na arqueologia da várzea do Baixo Amazonas e estão muito além do Tumucumaque (Martins, 2013).

CONCLUSÃO

As coleções e os manuscritos gerados por Frikel, entre 1939 e 1957, foram dispersos entre interlocutores e instituições em meio a críticas a suas interpretações arqueológicas e aparentes conflitos no interior da Ordem Franciscana. Foi possível delinear os itinerários artefatuais e seus entrelaçamentos com a biografia de frei Protásio Frikel por meio da combinação de fontes escritas (publicadas e inéditas) e de consulta e análise arqueológica de diferentes coleções herdadas e dos acervos documentais correspondentes. Isso demonstra que é possível compreender a história da arqueologia a partir dos itinerários artefatuais. Para a arqueologia amazônica, que tem crescido significativamente nas últimas décadas, é fundamental compreender a origem das unidades arqueológicas construídas pelas pesquisas pioneiras e o legado dos itinerários artefatuais para a construção dos modelos ainda correntes.

As contribuições dos trabalhos realizados por frei Protásio Frikel no Baixo Amazonas ainda permanecem quase desconhecidas. Todas as informações disponíveis são aquelas publicadas por Peter Hilbert, no período anterior à profissionalização definitiva da arqueologia no Brasil. Em muitos trechos dessas publicações, contudo, não é possível reconhecer a autoria do franciscano nas observações. A consulta de manuscritos ainda inéditos de Frikel sugere que sua atuação tinha maiores

ambições que excedem a mera reunião de objetos. Muitas das interpretações desenvolvidas por P. Hilbert apresentam precedentes nos escritos do franciscano. As coletas e proposições de Frikel sobre o material reunido serviram para balizar as proposições de P. Hilbert (1955) sobre o estilo Konduri e o que veio a ser chamado de fase Jauari e, por conseguinte, parte da tradição Hachurado-Zonada, posteriormente estabelecida por Meggers e Evans (1961). Também digno de nota é o seu esforço pioneiro em pesquisar antigas missões religiosas coloniais, tema importante para arqueologia histórica da Amazônia (Costa, 2022). Sua capacidade em descrever as paisagens com construções de terra e, ao mesmo tempo, repletas de histórias de encantados também é tema caro à pesquisa na região amazônica. Desse modo, em um momento em que a arqueologia ainda não tinha se firmado como disciplina científica no Brasil, Frikel ofereceu, ainda que indiretamente, as bases para o estudo de áreas que permanecem até hoje pouco estudadas.

Por fim, cabe ressaltar que há outros arquivos a serem pesquisados. Como esse trabalho se desenvolveu a partir do interesse em coleções arqueológicas e etnográficas, e não com o interesse específico na atuação de Protásio Frikel, ficou de fora do presente estudo o Arquivo Provincial Franciscano, em Recife, que concentra muito da documentação produzida pelos religiosos no Brasil, além da documentação presente nas paróquias do Baixo Amazonas. Seu espólio documental foi vendido por sua esposa e atualmente compõe os acervos pessoais de pesquisadores e pesquisadoras que não foram acessados. Na Alemanha, o Museu Brasileiro (*Brasilienmuseum*) no Convento de Bardel guarda coleções de história natural, etnografia e arqueológicas. A melhor avaliação sobre o contexto de coleta e dispersão das coleções reunidas por Frikel dependerá de pesquisas feitas com mais fontes. As palavras de Frikel (1953a) em carta para Peter Hilbert sobre a cerâmica Konduri parecem ainda bastante adequadas,

sete décadas depois: “É assim: quanto mais você olha, mais problemas e pontos de interrogação aparecem”⁷.

AGRADECIMENTOS

O estudo de coleções arqueológicas e dos arquivos no Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ), Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) foram realizados por M. L. Alves a partir da bolsa de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (processo nº 134140/2016-8). A pesquisa no *Penn Museum* foi realizada a partir de bolsa de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (processo nº 88882.461730/2019-01) e apoio do Centro de Arqueologia da Universidade de Toronto. M. L. Alves agradece a Klaus Hilbert pelo acesso e incentivo ao estudo da documentação produzida por seu pai bem como aos vestígios arqueológicos relacionados; a Cristiana Barreto, Helena Lima e Leonardo Lopes do MPEG; a Nelson Sanjad e a toda a equipe do Arquivo Guilherme de la Penha; a Lourdes Cristina, do Centro de Documentação de Línguas Indígenas do Museu Nacional (CELIN/MN), além de Elena Welper; a equipe da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR/MN); a Francisca Figols, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP); a William Wierzbowski, do *Penn Museum*. O estudo da coleção e do arquivo do Museu do Índio do Convento de Ipuarana (MICI) foi realizado por I. M. M. Rodrigues a partir da bolsa de doutorado da FAPESP (processo nº 2017/13343-4). Igor M. M. Rodrigues agradece a Frei Alexandre, a Frei Wellington e a Frei Anésio, por todo o apoio e acesso aos materiais e documentos do MICI, assim como ao historiador e Frei Joanan M. de Mendonça pelas conversas sobre alguns documentos produzidos

por Frikel. Agradecemos aos dois pareceristas pelos comentários ao manuscrito original. Somos gratos a Ana Caroline Cunha por nos ter apresentado a coleção do Museu do Índio de Ipuarana e a Fabíola Silva pelo incentivo ao estudo da tradição antropológica germânica.

REFERÊNCIAS

- Alves, M. L. (2018). Para além de Santarém: os vasos de gargalo na bacia do rio Trombetas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 13(1), 11-36. <https://doi.org/10.1590/01981.81222018000100002>
- Alves, M. L. (2019). *Objetos distribuídos do Baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.71.2019.tde-06112019-164008>
- Alves, M. L. (2020). Revisitando os *alter egos*: figuras sobrepostas na iconografia Konduri e sua relação com o xamanismo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 15(3), e20190105. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0105>
- Araújo, M. A. M. (2013). Antropologia na missão: relações entre a etnologia confessional de padre Schmidt e a antropologia acadêmica. *Religião e Sociedade*, 33(1), 30-49. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872013000100003>
- Bacelar, J. (s.d.). Carlos Ott. *Guia Geográfico - História da Bahia*. <https://www.historia-brasil.com/bibliografia/carlos-ott.htm>
- Barata, F. (1952). *As artes plásticas no Brasil: Arqueologia*. Ouidor.
- Becher, H. (1975). Protásio Frikel (1912-1974). *Indiana*, 3, 293-300.
- Collevatti, J. H. (2009). A invenção (franciscana) da cultura munduruku: sobre a produção escrita dos missionários da Província de Santo Antônio. *Revista de Antropologia*, 52(2), 633-676. <https://revistas.usp.br/ra/article/view/27321/29093>
- Costa, D. (2022). Arqueologia histórica na região Norte do Brasil. In L. Symanski, & M. T. de Souza (Orgs.), *Arqueologia histórica brasileira* (pp. 491-512). Editora UFMG.
- Crônicas. (1944a). Alenquer. *Santo Antônio. Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 2(1), 45-48.
- Crônicas. (1944b). Óbidos. *Santo Antônio. Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 2(1), 63-65.
- Crônicas. (1945). Óbidos. *Santo Antônio. Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 3(2), 61-65.

⁷ Tradução do original em alemão: “Es ist halt so: Je naeher man zuschaut, um so mehr Probleme und Fragezeichen tauchen auf”.

- Crônicas. (1950). Óbidos. *Santo Antônio. Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 8(1), 437-438.
- Crônicas. (1955). Santarém. *Santo Antônio. Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 13(2), 169-171.
- Delley, G., & Schlanger, N. (2022). Recovering the history of archaeology in museums. In A. Stevenson (Ed.), *The Oxford Handbook of Museum Archaeology* (pp. 29-44). Oxford Handbooks. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198847526.013.37>
- Frank, E. H. (2005). Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. *Revista de Antropologia*, 48(2), 559-584. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200005>
- Freyre, G. (1957a). 3 Séculos de vida franciscana. *O Cruzeiro*, 6, 58-66. <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=108745>
- Freyre, G. (1957b, outubro 6). Semana Franciscana no Recife. *Diário de Pernambuco*, p. 4. https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pesq=freyre&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=43272
- Frikel, P. (1940). Volksseele und Volksseelsorge am Amazonas. *Santo Antônio. Revista dos Franciscanos no Brasil Setentrional*, 18(1), 3-18.
- Frikel, P. (1941). Die Seelenlehre der Gége und Nago. *Santo Antônio. Revista dos Franciscanos no Brasil Setentrional*, 19(1), 192-212.
- Frikel, P. (1943). A antiga missão no Curuá. *Santo Antônio. Órgão da Província Franciscana do Brasil*, 1(1), 3-9.
- Frikel, P. (1944a). *O Jauari do Lago Grande do Curuá*. Acervo Pessoal Klaus Hilbert. Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Frikel, P. (1944b, agosto 27). *Carta a Curt Nimuendajú*. Centro de Documentação de Línguas Indígenas. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Frikel, P. (1944c, novembro 29). *Carta a Curt Nimuendajú*. Centro de Documentação de Línguas Indígenas. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Frikel, P. (1945, abril 8). *Carta a Curt Nimuendajú*. Centro de Documentação de Línguas Indígenas. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Frikel, P. (1947). *Relatório: Fundação de uma Missão karib* [Pasta sobre a Missão Tiriýó, assunto conventos e paróquias]. Arquivo Provincial, Recife.
- Frikel, P. (1948). Notas subsidiárias sobre a fundação de uma missão nas Guianas Brasileiras no setor compreendido pela Prelazia de Santarém. *Santo Antônio. Órgão da Província Franciscana do Brasil*, 6(1/2), 10-23, 110-117.
- Frikel, P. (1953a, janeiro 25). *Carta a Peter Hilbert*. Acervo Pessoal Klaus Hilbert. Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Frikel, P. (1953b, março 15). *Carta a Herbert Baldus*. Serviço de Documentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Frikel, P. (1957). Zur linguistisch-ethnologischen Gliederung der Indianerstämme von Nord-Pará (Brasilien) und den anliegenden Gebieten. *Anthropos*, 52(3/4), 509-563. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:frikel-1957>
- Frikel, P. (1958). Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. *Revista de Antropologia*, 6(2), 13-89. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1958.110384>
- Frikel, F. (1963). Tradição tribal e arqueologia no Tumucumaque. *Revista do Museu Paulista*, 14, 471-491. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:frikel-1963-tradicao>
- Frikel, P. (1964). Traços da doutrina gêge e nagô sobre a crença na alma. *Revista de Antropologia*, 12(1-2), 51-81. <https://revistas.usp.br/ra/article/view/110736/109162>
- Frikel, P. (1970). Os Kaxúyana: notas etno-históricas (Publicações Avulsas, n. 14). Museu Paraense Emílio Goeldi. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:frikel-1970-kaxuyana>
- Frikel, P. (s.d.b). *Carta a Frei Fidelis [Carlos Ott]*. Fundo Heloísa Alberto Torres. Seção de Memória e Arquivo. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Galvão, E. (1978). Gunther Protasius Frikel (1912-1978). *Revista de Antropologia*, 21(2), 224-225.
- Garcia, L. L. W. G. (2017). *Paisagens do Médio Xingu: arqueologia, temporalidade e historicidade* (Vol. 1) [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.71.2017.tde-31082017-142914>
- Grupioni, L. D. B. (1998). *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. Hucitec; ANPOCS. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:grupioni-1998-colecoes>
- Hilbert, P. P. (1955). *A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná* (Publicação n. 9). Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará.
- Hilbert, P. P. (1958). Urnas funerárias do rio Cururú, Alto Tapajós. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série, Antropologia*, (6), 2-13.
- Hilbert, P. P. (1959). *Achados arqueológicos num sambaqui do Baixo Amazonas* (Publicação n. 10). Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará.

- Hilbert, P. P. (1968). *Archäologische Untersuchungen am Mittleren Amazonas. Beiträge zur Vorgeschichte des Südamerikanischen Tieflandes* (Marburger Studien zur Völkerkunde, n. 1). Dietrich Reimer Verlag.
- Hilbert, K. (2009). Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia. *Boletim do Museu do Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 4(1), 135-154. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222009000100012>
- Hoffmann, B. (2014/2015). Günther Protásio Friel (1912-1974): Ein biographischer Versuch. *Journal Museum Fünf Kontinente*, 1, 11-53.
- Hoffmann, B. (2017). Ambivalências: Günther Protásio Friel (1912-1974), misionero y antropólogo amigo de indígenas brasileños y ayudante de intereses gubernamentales. *Saberes. Revista de Historia de las Ciencias y las Humanidades*, 1(2), 124-149. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:hoffmann-2017-friel>
- Holtorf, C. (2002). Notes on the life history of a pot sherd. *Journal of Material Culture*, 7(1), 49-71. <https://doi.org/10.1177/1359183502007001305>
- Jácome, C. P., Rodrigues, I. M. M., & Wai Wai, C. (2023). Corpos fragmentados feitos de olhares: perspectivas Wai Wai e Karaiwa. *Revista de Arqueologia*, 36(3), 390-423. <https://doi.org/10.24885/sab.v36i3.1106>
- Joyce, R. A., & Gillespie, S. D. (2015). Making things out of objects that move. In R. A. Joyce, & S. D. Gillespie (Orgs.), *Things in motion. Objects itineraries in anthropological practice* (pp. 3-20). School for Advanced Research Press.
- Kopytoff, I. (1986). The cultural biography of things: the commodization as process. In A. Appadurai (Ed.), *The social life of things: Commodities in cultural perspectives* (pp. 64-92). Cambridge University Press.
- Latour, B. (2001). *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. EDUSC.
- Lima, D. M. (1999). A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, 2(2), 5-32. <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v2i2.107>
- Lima, H. P., & Cunha, C. M. (2017). Reassessing museum archaeological collections: unprecedented osteological and ceramic data for the Sucuriú site at the Urubu River, Central Amazon, Brazil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 12(2), 649-665. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000200021>
- Livro de Crônicas do Convento de Santo Antônio de Lagoa Seca*. (1940-1996). Convento de Ipuarana.
- Martins, V. N. M. (2013). *Para além do Tumucumaque: Protásio Friel, arqueologia e história intelectual na Amazônia* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará]. <https://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/MS%20202011%20Vitor%20Nazareno%20da%20Mata%20Martins%20MS.2011.pdf>
- Megggers, B., & Evans, C. (1961). An experimental formulation of horizon styles in the Tropical Forest Area of South America. In S. K. Lothrop (Org.), *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology* (pp. 372-388). Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674864917.c27>
- Melo, T. S. (2016). *Caminhos do mundo, espaços e almas a conquistar: frades alemães no Brasil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alagoas]. <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1336>
- Moraes Wichers, C. A. (2010). *Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira* [Tese de doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. https://museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/camila_moraes_parte1.pdf
- Moraes Wichers, C. A. (2019). "Todo mundo ficou com medo desse caco": práticas de colecionamento e colonialidade na formação da Coleção da Lagoa Miararré, Xingu. In M. Lima Filho, & N. Porto (Orgs.), *Coleções étnicas e museologia compartilhada* (pp. 67-101). Imprensa Universitária.
- Müller, B. (1947). À margem de uma visita canônica (continuação). Santo Antônio. *Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 5(1/2), 25-36, 32-45.
- Nimuendajú, C. (1944, setembro 30). *Carta a Protásio Friel*. Centro de Documentação de Línguas Indígenas. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Nimuendajú, C. (1945, janeiro 8). *Carta a Protásio Friel*. Centro de Documentação de Línguas Indígenas. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Nimuendajú, C. (2004). *In pursuit of a past: Amazon archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region* (P. Sternberg, Ed.; Ethnological Studies, No. 45). Museum of World Culture.
- Nimuendajú, C. (2017). *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes* (2 ed.). IPHAN; IBGE.
- Nobre, E. (2017). *Objetos e imagens no Marajó antigo: agência e transformação na iconografia das tangas cerâmicas* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-19022018-143407/publico/EmersonNobreREVISADA.pdf>
- Noticiário: Capítulo provincial. Santo Antônio. (1948). *Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 6(1), 33-36.
- Notícias. (1954). Santo Antônio. *Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, 12(1), 30-32.
- Oliveira, C. E. de. (1939). A cerâmica de Santarém. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (3), 7-34.
- Ott, C. (1944). Contribuição à arqueologia baiana. *Boletim do Museu Nacional*, (5), 1-73.

- Ott, C. (1958). *Pré-história da Bahia*. Livraria Progresso Editora.
- Palmatary, H. C. (1960). The archaeology of the lower Tapajós Valley, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*, 50(3), 1-243.
- Parezo, N. J. (1987). The Formation of Ethnographic Collections: The Smithsonian Institution in the American Southwest. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 10, 1-47. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-003110-8.50004-9>
- Penny, H. G. (2002). *Objects of culture: ethnology and ethnographic museums in Imperial Germany*. The University of North Carolina Press.
- Pereira, D. (2023). *Curadoria arqueológica na Amazônia brasileira: salvaguardando mundos* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://hdl.handle.net/1843/75899>
- Petscheli, E. (2022). *Ascensão e declínio da etnologia alemã*. Editora da Unicamp.
- Rodrigues, I. M. M., & Wai Wai, J. X. (2024). Coleções históricas e arqueologia: narrativas Wai Wai do passado recente. In S. B. V. Hissa, A. R. Py-Daniel, & C. P. Jácome (Orgs.), *Arqueologias históricas nos rios Tapajós, Trombetas e Amazonas* (pp. 233-304). Appris Editora.
- Rosa, C. (2004). *Contribuição para história da arqueologia na Amazônia: um estudo histórico e arqueológico das coleções Townsend e Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi (1950-1960)* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Pará].
- Schmitz, F. (2005). *Franziskaner in Bardel. Ein bildband über die Geschichte des Klosters bis heute*. Goldschmidt-Druck.
- Simas, M. S., Rosa, C., Barreto C., & Lima, H. P. (2019). Cada instituição, um fragmento: problemática da dispersão da coleção arqueológica marajoara Dita Acatauassu (Amazônia, Brasil). *Conservar Patrimônio*, 32, 79-86. <https://doi.org/10.14568/cp2018038>
- Teves, M. (1942). A restauração da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. *Santo Antônio. Revista dos Franciscanos no Brasil Setentrional*, 20(2), 57-76.
- Vermeulen, H. F., Pinheiro, C. C., & Schröder, P. (2019). Introduction: German Tradition in Latin American Anthropology. *Revista de Antropologia*, 62(1), 64-96. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.157872>
- Voss, B. L. (2012). Curation as research. A case study in orphaned and underreported archaeological collections. *Archaeological Dialogues*, 19(2), 45-169. <https://doi.org/10.1017/S1380203812000219>
- Welper, E. M. (2002). *Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. <http://www.etnolinguistica.org/tese:welper-2002>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

M. L. Alves contribuiu com conceituação, curadoria de dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração de projeto, recursos, validação, visualização e escrita (rascunho original, revisão e edição); e I. M. M. Rodrigues com conceituação, curadoria de dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração de projeto, recursos, validação, visualização e escrita (rascunho original, revisão e edição).

DADOS DA PESQUISA

Os dados não foram depositados em repositório.

PREPRINT

Não foi publicado em repositório.

AValiação POR PARES

Aviação duplo-cega, fechada.

